

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS
DEPARTAMENTO DE ARTE CORPORAL
CURSO DE LICENCIATURA EM DANÇA**

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

**INFÂNCIAS E DANÇA: Um caminho para a Descolonização dos
Currículos na Educação Infantil**

VANIA MOURA BIZONI

Rio de Janeiro, 2024

VANIA MOURA BIZONI

**INFÂNCIAS E DANÇA: Um caminho para a Descolonização
dos Currículos na Educação Infantil**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Departamento de Arte Corporal da Escola
de Educação Física e Desportos da
Universidade Federal do Rio de Janeiro, como
parte dos requisitos necessários à obtenção do
grau de Licenciada em Dança. Orientador:
Prof. Dr. Roberto Eizemberg dos Santos

Rio de Janeiro, 2024

CIP - Catalogação na Publicação

B258i Bizoni, Vania Moura
INFÂNCIAS E DANÇA: Um caminho para a
Descolonização dos Curículos na Educação Infantil /
Vania Moura Bizoni. -- Rio de Janeiro, 2024.
57 f.

Orientador: Roberto Eizemberg dos Santos.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) -
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de
Educação Física e Desportos, Licenciado em Dança,
2024.

1. Infância. 2. Educação Antirracista. 3. Dança
Educação. I. Eizemberg dos Santos, Roberto, orient.
II. Título.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS
DEPARTAMENTO DE ARTE CORPORAL
CURSO DE LICENCIATURA EM DANÇA

Trabalho de Conclusão de Curso: **INFÂNCIAS E DANÇA: Um caminho para a Descolonização dos Currículos na Educação Infantil**

Elaborado por: Vania Moura Bizoni

e aprovado pelo professor orientador e professores convidados foi aceito pela Escola de Educação Física e Desportos como requisito parcial à obtenção do grau de:

LICENCIADA EM DANÇA

PROFESSORES:

Orientador: Prof. Dr. Roberto Eizemberg dos Santos

Convidado: Prof. Dr. Frank Wilson Roberto

Convidada: Profa. Esp. Tayna Bertoldo da Silva

Data: 26 de Março, 2024

Quando se fala de corpo pretende-se destacar a referência entre identidade e diferença na ação de educar, e não o colocar como objeto ou suporte, reduzindo-o a representação de algo e substituindo o dinâmico pelo estático na definição do que seja verdadeiro ou correto.

(Calfa, 2015, p.5)

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos meus pais falecidos, pois ao longo de suas vidas não mediram esforços para que eu alcançasse meus objetivos, sempre me incentivaram a buscar o conhecimento e me tornar a pessoa que sou hoje.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente gostaria de agradecer a Deus e aos meus ancestrais por me dar forças físicas e mentais para atingir minha meta acadêmica, apesar de todas as adversidades ao longo desta jornada.

À minha família, pela paciência e compreensão da minha ausência, obrigada Marcelo, Luiza e Alice, vocês são minha razão de viver.

A oportunidade de estar retornando ao Curso de Licenciatura em Dança na UFRJ, que fez e faz parte da minha formação, não só acadêmica, mas também como ser humano, pois passei parte da minha vida nesse lugar, ora como estudante de graduação, como aluna da pós-graduação me sinto muito grata.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Roberto Eizemberg dos Santos, que me incentivou e norteou a minha pesquisa com maestria.

Aos professores, coordenadores, diretores, colegas de curso, em especial a Profa. Esp. Tayna Bertoldo da Silva, que me acompanhou durante esses anos de faculdade em várias disciplinas sempre trocando saberes, me incentivando e motivando nos momentos mais difíceis da minha jornada acadêmica, gratidão a todos.

Bizoni, Vania Moura. INFÂNCIAS E DANÇA: Um caminho para a Descolonização dos Currículos na Educação Infantil. Orientador: Roberto Eizemberg. Rio de Janeiro,

2024. Monografia (Graduação em Licenciatura em Dança) – Escola de Educação Física e Dança, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

RESUMO

Busco apresentar reflexões acerca da Dança-Educação numa perspectiva decolonial e antirracista na educação infantil, com o objetivo de produzir experiências corpóreas diversificadas e positivas, bem como abordar o currículo infantil dentro do conteúdo Dança sob a ótica afrodiáspórica. Tendo como apporte teórico Kiusam de Oliveira “Literatura Negro-Brasileira do Encantamento e as Infâncias: Reencantando Corpos Negros” (2020); Conceição Evaristo “Da representação à auto-representação da mulher negra na literatura brasileira” (2005); Maria Ignez de Souza Calfa “O Desafio de um Educar Poético na Dança” (2015); Renato Nogueira “O Ensino de Filosofia e a Lei 10.639” (2014) para redimensionar a pesquisa.

Palavras-chave: Infância. Educação Antirracista. Dança-Educação.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura I - LeoParda	28
Figura II - Como nós Somos	29
Figura III - Diferentes Tons de Pele Negra	29
Figura IV - Sou Eu	30
Figura V - Movimento Espelhado	46
Figura VI - Movimento Espelhado II	46
Figura VII - Explorando o corpo	47
Figura VIII - Sessão Cinema Hair Love	47

Sumário

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO I - A importância do brincar para descobrir as potencialidades do corpo	11
CAPÍTULO II -Infâncias e Dança: Um caminho para a descolonização dos currículos na Educação Infantil	31
CAPÍTULO III	400
CONSIDERAÇÕES FINAIS	49
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	50
REFERÊNCIAS FÍLMICAS	55

INTRODUÇÃO

O tema do meu TCC vai discorrer sobre Infâncias e Dança: um caminho para a descolonização dos currículos na Educação Infantil. Quando penso em infâncias, me vem a ideia de corpo, de movimento, de espontaneidade. No âmbito escolar, os professores/pedagogos são os que possuem a maior carga horária com os estudantes durante a semana, mas observa-se a falta de disponibilidade corporal dos mesmos e as práticas de movimento tornam-se “vazias” ou simplesmente reprodutivistas, pois nos currículos de Pedagogia percebe-se um conteúdo programático aprofundado na sua grande maioria em matérias conceituais do que corporais, sendo que para atuar na educação infantil é necessário expandir o vocabulário corporal.

No entanto, ao refletir sobre o processo de ensino e aprendizagem na Educação Infantil, faz-se necessário questionar de que forma acontece essa aula numa perspectiva decolonial, ou seja, como estão embasadas intelectualmente tais práticas? Quais são os referenciais que compartilhamos no espaço de aula e como abordamos o conteúdo em sala de aula?

A forma como ensinamos, a didática que utilizamos para construção e troca de saberes, reflete nos fazimentos e na forma como este estudante vai se projetar no mundo. A criança percebe e capta a informação a partir de estímulos, sejam eles sensoriais, cognitivos, psicomotores, afetivos e ambientais. Logo, proporcionar experiências lúdicas educacionais instigará novas descobertas e conhecimentos amplos em sua corporeidade, na troca com o outro e no espaço que a envolve.

CAPÍTULO I - A importância do brincar para descobrir as potencialidades do corpo

A importância do brincar na primeira infância é fundamental para o desenvolvimento integral da criança, de forma espontânea e lúdica, pois é através dos jogos simbólicos e das interações individuais e coletivas, que a criança irá despertar suas potencialidades e conhecer seus limites e do outro.

Conceição Evaristo convida a pensar a Dança de corpo inteiro, entendendo este corpo enquanto palavra e palavra enquanto corpo que pode ser dançada e de muitas maneiras. “Gosto de dizer ainda que a escrita é para mim o movimento de dança-canto que o meu corpo não executou, é a senha pela qual eu acesso o mundo” (Evaristo, 2005, p. 202).

A criança necessita experienciar diferentes eventos durante a sua trajetória escolar, social e familiar como por exemplo, aprender a lidar com as dificuldades diante de uma brincadeira ou jogo corporal, com as tentativas de erros e acertos, com as competências socioemocionais que se estabelecem quesitos como a coragem, o engajamento, o entusiasmo, a mentalidade de crescimento, a metacognição, resiliência, colaboração, comunicação, dentre outras. Estudar o corpo e provocar no estudante um estudo que vá ao encontro com sua história, trajetória e vivências faz com que se sinta pertencente ao lugar, ao próprio corpo que habita e outros corpos que compartilham da mesma experiência.

Kiusam de Oliveira (2020), artista multimídia e coreógrafa, propõe que os educadores-professores e demais aprendizes-curiosos-pesquisadores da infância façam o exercício de olhar para si, para o corpo como um mundo a ser experienciado e com deleite, a ser potencializado e vingar raízes frutíferas de aprendizagens. Ao

compartilhar algo com as crianças, se faz necessário desviar-se do padrão hegemônico de ensino, de fala, de atitude é um caminho a ser feito para se desfazer de amarras que cobrimos nos outros e em nós mesmos. Se pensarmos no modelo de ensino que muitas escolas ainda seguem, é um modelo tradicional que preza pelo sequestro de corpos em carteiras, atividades sem movimento, sem expressão corporal, silenciamento, quietude, pois o ato de mover provoca inquietação nos adultos que estão ali presentes.

Afrorreferenciadamente pensando, o processo de aprendizagem se dá de corpo inteiro e não somente com o cérebro e se materializa através de recursos populares com os provérbios, as músicas, cantigas, brincadeiras, rodas: a cabeça não se coloca acima de outras partes do corpo. (Oliveira, 2020, p. 6)

Pensar numa educação que contemple a expansibilidade do corpo no espaço, na relação com os objetos, com o outro atuando na consciência e expressão corporal, faz com que a criança se torne um sujeito bem-sucedido em muitos aspectos, pois sairá da forma de retraimento e atrofia psicofísica para expansão relacional, emocional, física, criativa, comunicacional, e outros quesitos que são afetados e que redimensionam a importância do brincar para potencializar a corporeidade. E, fazer uso, de materiais pedagógicos e aportes teóricos, fílmicos, imagéticos, passeios, pautada na Educação Antirracista Afrorreferenciada em diálogo com outros autores que abraçam essa perspectiva educacional, traz como mecanismo de potência dos corpos o incentivo, motivação, reconhecimento de si, e propagação de um ensino libertário, útil, prazeroso e promissor, fazendo com que o próprio estudante almeje ocupar, estudar, percorrer lugares, estudos nunca antes pisados e demarcados por si mesmo ou alguém mesmo da família. Logo, torna-se um referencial para que seus pares alcancem tais lugares também e sejam protagonistas de sua própria história.

Para isso, ir ao encontro da criança, instigando a liberdade para fruir suas ações corporais e permear o espaço sem tolher, é um caminho que requer o ato de se despir-

se de amarras que nós adultos carregamos, é algo que nos foram colocados para carregar e reproduzimos determinadas ações com nossas crianças que inferem no podamento de seu processo criativo e de ser, ser criança.

Se refletirmos na etimologia da palavra Criança, tem como origem criação, a criança que cria ação, criatividade, “crianciçação”. A criança é aquela que traz o desvelo poético, que cria repertórios imagéticos corpóreos que nos coloca, enquanto adultos, a conectar com nossas sensibilidades, com o prazer da vida e se lançar a este mundo que é o corpo que, com o processo de adultização, distanciamos da escuta de si, do falar do que sente e expressar com verdade e totalidade o que emerge no corpo, como andar descalço, abraçar uma árvore, dançar na chuva, fazer caretas, e tantos outros gestos e ações que sensibilizam e elevam nosso ser humano. Palavra esta que vem de húmus-terra, úmido, umidificar o que está seco. E a criança quando possibilitamos sua liberdade de ser ela rega, traz leveza aos pesares e nos ensina a perceber a vida sob outra ótica.

Muitos educadores de Educação Infantil acreditam que o lúdico na construção do conhecimento se refere apenas em levar as crianças ao parque, uma quadra ou a uma sala de brinquedos e deixar elas brincarem livremente. Tudo deve ser dosado, e ter direcionamentos seja indiretamente ou diretamente.

O lúdico consiste em proporcionar uma aprendizagem prazerosa e significativa à criança dando orientações necessárias para se desenvolver com segurança e precisão. É prejudicial às crianças serem submetidas a excessos de estímulos, excessos de conteúdos, informação. O que se vê ainda em muitas escolas é prezar pela quantidade de tarefas e não pela qualidade do que está sendo compartilhado.

Por que sobrecarregar as crianças com conteúdos enormes, preenchimento de apostilas, cadernos? Para movimentar ideias, pensamentos, questões, escritas, leituras de mundo e textuais, a comunicação, a autogestão, é preciso mover o corpo e com espontaneidade, prazer, consciência e ludicidade. Todos os acontecimentos se passam

no corpo, nada perpassa fora dele. Sentimos, amamos, tocamos, respiramos, escrevemos, lemos, pensamos, pelo corpo. O corpo fala (Weill, 2015).

Falamos e de muitas maneiras, com os pés, com a cabeça, com as mãos, com a boca, com a caminhada, com o olhar. Tudo é fala. E a forma como expressamos nosso sentir é que responderá e organizará melhor o que se passa nele, quando damos possibilidade para o corpo-criança ser. E a Dança Educação atravessa esse lugar, o dar sentido de existência a corporeidade, que por vezes é tolhida em outros fazeres de si.

Para Camila Machado,

As brincadeiras e os jogos oferecem às crianças amplas possibilidades para expressarem seus sentimentos e suas formas de pensar e de agir. Suas expressões variam de acordo com suas culturas locais e experiências acumuladas de seus ancestrais, além da influência de culturas diversificadas em razão do fenômeno da Globalização. (Machado, 2021, p.77)

Ou seja, permitir a criança experimentar o corpo e suas possibilidades criativas, faz com que elas entrem em contato com este mundo que é o corpo e conheçam suas funcionalidades, despertem noções espaciais, temporais, coordenação motora, comunicação, interação, e diversas outras valências essenciais para seu processo formativo enquanto ser e conheçam o mundo do outro.

Aquilo que é considerado pequeno, sem valor, comum, para um adulto, a criança vê o ínfimo, sob outra perspectiva, como algo grandioso, valoroso. O ordinário se torna extraordinário. Como uma pedrinha no chão, um graveto de árvore, uma folha, um vento, um bichinho que passa voando, terra, flores, dentre outros elementos que nós adultos tendemos a desconsiderar sua importância estética, sensível e brincante.

Estas pequenas coisas passam a ser objetos de criatividade imagética, de produção de experiência e produção de conhecimento, curiosidade em aprender,

entusiasmo, percepções amplas e se cria repertório corporal.

Pierre Weil e Roland Tompakow (2015), trazem uma observação muito importante de que a fala não se restringe ao verbal, pois o corpo todo é fala e é portal de conhecimento. É no corpo que construímos noções de mundo, do externo e interno, nossos sentidos são explorados e fazemos reconhecimento e mapeamento de quem somos e estamos sendo, pois estamos em constante processo de *muDança*.

O tempo inteiro mudamos, criamos e recriamos nossas ações corporais e expressamos o que se encontra latente em nós. “O Corpo Fala em Palavras. Pela linguagem do corpo, você diz muitas coisas aos outros. E eles têm muitas coisas a dizer para você. Também nosso corpo é antes de tudo um centro de informações para nós mesmos. (Weil; Tompakow, 2015, p.2)

E se tratando de uma criança negra, trazer propostas circulares sob princípios da horizontalidade em que a mesma possa se apresentar com confiança, segurança, autonomia e se perceber enquanto ser dançante potente, criativo é sobre valorizar, defender e acreditar em um corpo que pode ser educado e reeducado politicamente, criticamente e dançantemente acerca de repertórios sociais mais assertivos e menos deprimentes, opressores, preconceituoso e excludente como elucida Kiusam:

O corpo precisa estar mergulhado na experiência para ganhar sentido e significado: aqui, não se trata mais de falar do corpo, mas de fazê-lo falar de várias formas, através de diversas linguagens. Esse corpo-resistência, portanto, está conectado com a realidade vivida na coletividade, considerada em sua atemporalidade para além do próprio entorno onde as relações se dão no aqui e agora: corpo mergulhado na linguagem e nas informações, inclusive, no legado ancestral. Sendo assim, este corpo precisa estar preparado para lidar com qualquer assunto que o atinja diretamente, e as questões raciais fazem parte das infâncias brasileiras. (Oliveira, 2020, p. 9.).

De acordo com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) articular as seis dimensões do conhecimento de forma conectada é essencial para o processo de

ensino e aprendizagem na formação dos estudantes. Dimensões estas que estão alojadas na Dança, Visuais, Teatro e Música, além das aprendizagens trazidas pelos estudantes em seus contextos socioculturais. E que, por sua vez, circundam conteúdos, no que tange a Dança, conhecimentos conceituais e corporais específicos que devem ser abordados no espaço de aula: Criação, Crítica, Estesia, Expressão, Reflexão, Fruição.

As dimensões abaixo se encontram no documento da BNCC do ano de 2017 - versão atualizada. (BNCC, 2017, p.196-197):

- Criação: refere-se ao fazer artístico, quando os sujeitos criam, produzem e constroem. Trata-se de uma atitude intencional e investigativa que confere materialidade estética a sentimentos, ideias, desejos e representações em processos, acontecimentos e produções artísticas individuais ou coletivas. Essa dimensão trata do aprender o que está em jogo durante o fazer artístico, processo permeado por tomadas de decisão, entraves, desafios, conflitos, negociações e inquietações.
- Crítica: refere-se às impressões que impulsionam os sujeitos em direção a novas compreensões do espaço em que vivem, com base no estabelecimento de relações, por meio do estudo e da pesquisa, entre as diversas experiências e manifestações artísticas e culturais vividas e conhecidas. Essa dimensão articula ação e pensamento propositivos, envolvendo aspectos estéticos, políticos, históricos, filosóficos, sociais, econômicos e culturais.
- Estesia: refere-se à experiência sensível dos sujeitos em relação ao espaço, ao tempo, ao som, à ação, às imagens, ao próprio corpo e aos diferentes materiais. Essa dimensão articula a sensibilidade e a percepção, tomadas como forma de conhecer a si mesmo, o outro e o mundo. Nela, o corpo em sua totalidade (emoção, percepção, intuição, sensibilidade e intelecto) é o protagonista da experiência.

- Expressão: refere-se às possibilidades de exteriorizar e manifestar as criações subjetivas por meio de procedimentos artísticos, tanto em âmbito individual quanto coletivo. Essa dimensão emerge da experiência artística com os elementos constitutivos de cada linguagem, dos seus vocabulários específicos e das suas materialidades.
- Fruição: refere-se ao deleite, ao prazer, ao estranhamento e à abertura para se sensibilizar durante a participação em práticas artísticas e culturais. Essa dimensão implica disponibilidade dos sujeitos para a relação continuada com produções artísticas e culturais oriundas das mais diversas épocas, lugares e grupos sociais.
- Reflexão: refere-se ao processo de construir argumentos e ponderações sobre as fruições, as experiências e os processos criativos, artísticos e culturais. É a atitude de perceber, analisar e interpretar as manifestações artísticas e culturais, seja como criador, seja como leitor.

Segundo a Teoria Fundamentos da Dança, criada por Helenita Sá Earp, reflete questões importantes de se pensar o corpo em seus aspectos integrais, dentro de uma ótica sensível para compreender os diferentes processos que o atravessam e tecem no cotidiano.

O corpo é fluxo e refluxo. É uma individuação do ser que está em constante processo de transformação de energias que se condensam em diferentes campos (físico, mental, emocional), interagindo continuamente entre si, formando o todo. O corpo vela e revela o ser. Deve ser compreendido tratado em compatibilidade com o que é - a vitalização e revitalização da criação. (Earp, apud Gualter; Pereira, 2000, p.11)

O corpo como protagonista da ação, enquanto lugar do desconhecido, dos acontecimentos e produção de conhecimento é justamente, pensá-lo nesse lugar de fluxo e refluxo que se forma e se transforma adquirindo outras formas para construir um todo. E nesse processo de vitalização e revitalização da criação emergem dimensões das quais a BNCC traz para a *formAção* desse ser que está despertando suas

potencialidades.

A criança quando se coloca no espaço e se projeta para o mundo ela passa a criar e experimentar ações corpóreas que vão ampliar sua construção de sujeito, processo formativo e percepções do que ela pode ser sendo no próprio fazer.

Dar sentido de existência a este *corpo-casa* é algo que a Dança sob os parâmetros de Helenita alimenta, nutre e floresce habilidades sensíveis e cognitivas belíssimamente. Helenita comprehende o corpo em seus aspectos:

- Corpo Sociocultural – Vida vivida; temporalidade inscrita como existência;
- Corpo Orgânico – Corpo fisiológico, cinético, anatômico, biomecânico;
- Corpo Emocional – Corpo da memória, do sentido, das emoções, da intersubjetividade;
- Corpo Cognitivo – Corpo da racionalidade, da inteligibilidade, da lógica, da intuição;
- Corpo Espiritual – Corpo do devir, da disponibilidade, da transcendência paradoxal: ser o mesmo e sempre o outro.

Apresentar a Dança Educação para a criança na escola de maneira lúdica, atrativa e prazerosa, são fatores que fazem com que elas despertem a curiosidade em aprender, o interesse em estudar a matéria com aprofundamentos, dando maior importância a mesma e vejam seus conteúdos como algo essencial para a formação humana.

E, para isso, cabe ao profissional de Dança Educação, graduado em Licenciatura em Dança, sugerir propostas pedagógicas que vão instigar questões, reflexões, experiências e o instinto da pesquisa e uma atitude aberta e consciente sobre o fazer em Dança, que não deve ser reduzido a uma lógica de ser algo fútil, meramente de lazer, recreação, sem dada relevância.

Conforme a Lei 13.278 de 2016 dispõe sobre a Dança, bem como a Visuais, Teatro e Música, serem matérias dadas separadamente como componente curricular obrigatório na educação básica, não atendendo mais o ensino polivalente. A Base Nacional Comum Curricular institui que "a Dança é afirmada em suas dimensões artísticas e estéticas, que envolve teoria e prática, e no ensino formal, somente pode ser ministrada por licenciados em Dança." (Coccaro, 2017, p.98)

A Dança se faz presente em cinco campos de experiências divididos na Educação Infantil, dos quais são definidos os objetivos de aprendizagem e desenvolvimento que são: o eu, o outro e o nós; corpo, gestos e movimentos; traços, sons, cores e formas; escuta, fala, pensamento e imaginação; espaços, tempos, quantidades, relações e transformações.(BNCC, 2017, p.42).Também se apresenta no componente curricular do Ensino Fundamental, cujas dimensões são: criação; crítica; estesia; expressão; fruição; reflexão. (BNCC, 2017, p.196.)

E, referente a Lei 13.794 de 2019, dispõe sobre a regulamentação da atividade profissional de psicomotricista e autoriza a criação de conselhos federal e regionais de Psicomotricidade. (graduados em Dança, Fisioterapia, Terapia Ocupacional, Educação Física, Psicopedagogia e pessoas que possuem especialização na área de Psicomotricidade). Compete aos psicomotricistas (profissionais de saúde-educação, como a Dança), atuar nas áreas de educação, reeducação e terapia psicomotora, utilizando recursos para a prevenção e o desenvolvimento, seja em espaço escolar e clínico. Além dessas leis, há outras que dispõem sobre o exercício do profissional de Dança Educação, Dança Saúde e Dança Arte/Cultura.

Repensar o currículo na Educação Infantil é importantíssimo, no que se refere a área de conhecimento da Dança, a valorização, reconhecimento e oportunizar a entrada desses profissionais graduados em Dança no espaço profissional.

Segundo a Lei de Diretrizes e Bases (LDB 9394/96) a Educação Básica é

dividida em três etapas: Educação infantil, Ensino Fundamental - dividido em anos iniciais e finais e Ensino Médio, o artigo 29 da referida lei: “A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, contemplando a ação da família e da comunidade”.

A Resolução nº 5, 17 de dezembro de 2009, fixa as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) para a educação infantil, que tem como objetivo junto com as Diretrizes Curriculares Nacionais orientar a elaboração de políticas públicas para as propostas pedagógicas da educação infantil.

Pensar uma educação do ponto de vista decolonial, perpassa caminhos pedagógicos que exigem perseverança, entusiasmo e formação continuada, principalmente na Educação Infantil. O processo formativo exige dedicação, entusiasmo, paciência, afetividade, responsabilidade, compromisso e criatividade. O compromisso de lecionar é um ato de grande responsabilidade, cuidado e valor educacional.

O ensino da Dança Educação possibilita à criança conhecer-se e ao outro e outros aspectos da corporeidade em suas dimensões socioculturais, históricas, filosóficas, anátomo-cinesiológicas, etc. A infância é um período essencial para estimular a aprendizagem, dar a liberdade e orientação necessária à criança para despertar suas potencialidades.

Oportunizar sociabilidade, comunicação não-violenta, afeto, respeito, cuidado, autogestão emocional, expressividade/consciência corporal, são alguns efeitos que a práxis da Dança produz, além de repertórios de leitura, escrita, dentre outras habilidades, pois a aula de Dança é corpo, é voz, é texto, é conceitos, é um conjunto de conhecimento sem cisão, mas sim, integrado pensando o corpo como lugar desses repertórios de inteligência.

Kiusam (2020) destaca a importância de vislumbrar a infância, o corpo, o movimento, o gesto, a ação e atuar em sala de aula trazendo discussões amplas do cotidiano, da vivência de cada um, sendo assim, ampliando e fomentando a partilha de conhecimento e mantendo a circularidade de saberes e lugar de escuta corpórea. Pois Dança é tecer escritas corporais e dar a liberdade para cada sujeito encontrar a sua própria dança e dançá-la de formas variadas.

Ao pensar na infância imagino crianças sendo respeitadas, como partes fundamentais desse todo bem maior previamente estabelecido, em que devem participar de uma gama variada de experiências que as coloquem frente à frente de novos desafios e situações para que sejam capazes de desenvolver suas formas de performar, de protagonizar e protagonizar (se esse for o caso), de escolher, de opinar, de se emocionar, de chorar, de enfrentar problemas e de se solidarizar. É nessa perspectiva conceitual que haverá quem pense que tratar de preconceito, estigma, discriminação e racismo estrutural no Brasil não sejam assuntos para a infância. Mas, haverá um outro grupo de pessoas que estimulará, desde a infância, crianças a enfrentarem tais assuntos de frente, porque mesmo acreditando que a criança não seja racista, se aceita que ela é capaz de reproduzir o racismo que vê, ouve e aprende em casa, nas ruas, nas organizações que frequentam. (Oliveira, 2020, p. 6.)

O corpo é político, o corpo é afetivo, é psicofísico, é lugar dos acontecimentos, do trânsito de ideias, de outros corpos e ancestralidades. O corpo é um mundo, lugar das subjetividades humanas, do desvelo poético, do devir e das afirmações corporais, dar sentido de existência a si mesmo pela dança que perpassa desde o micro e macromovimentos internos e externos. Pois dançar, pode ser de muitas maneiras, dançar com palavras, escrevendo um texto, lendo um livro e sendo afetado pelas tessituras provocadas por sensações, percepções e desejos reverberados na pele. Dançar internamente, ao adentrar um estado sensível de presença em que o corpo se apercebe de que está conectado com sua inteireza, emoções e eventos internos.

A Dança sob a ótica sensível é uma estrada que não tem fim e nem começo, mas o entre que acontece a todo o momento se construindo e desestruturando e assim, também, se faz e/ou deveria se fazer presente na escola.

Oportunizar o estudante de ver para além do olho, se vê para além do motor-físico, se vê em multicamadas interligadas que o forma e faz ser quem está sendo. Dito isso, o poema “Sou Calu, a Menina que vale por três” de Cássia Valle (2018), convoca a olhar sobre o próprio corpo, aqui, o corpo negro, mapeando este *corPoesia* como um grande tesouro revestido de tanta beleza guardada e que deve ser exibida ao mundo com coragem e vivacidade.

Eu também vou falar da minha história para vocês

Sou Calu, a menina que vale por três

Sou Calu, mas poderia ser Lulu,

Malu ou Dudu, todas representam-me.

São negras lindas

Que sabem a beleza que tem

Podia também ser Luiza Mahin,

Maria Felipa ou Nzinga

Pérolas negras cheias de história

Que carrego na minha memória, exemplos vivos que me fazem crescer

Sou a menina Calu

A menina levada

Que não tem medo de nada

Aprendeu

A pisar firme na estrada
E que para construir a caminhada
Tem que estar junto dos seus
Respeitando o passado
Agindo no presente e construindo um futuro brilhante
Cheio de Calus brincantes.

- Livro Bloquinho de Poemas e Canções da Calu: Sou Calu, a menina que vale por três, 2018, p.58

Abordagens pedagógicas lúdicas afrorreferenciada trazidas de forma dançante, ou seja, prazerosa, experienciante e instigadora, podem ser compartilhadas através de poemas, livros, cordéis, músicas, espetáculos, peças, circo, exposições, filmes, culinária, e muito mais.

Assim como Calu, o filme “O mundo de Karma” (2021, série); “Hora do Blec” (2020); “Motown Magic” (2018, série); “Min e as Mãozinhas” (2020); “Bia Desenha” (2019, série); “A invenção de Natal” (2020); “Wish: O poder dos desejos” (2024) dentre tantos outros filmes-curtas metragens, séries e afins trazem repertórios de protagonistas e elenco de pessoas negras/pardas/indígenas com diversas pautas como organização emocional, socialização, autoestima, coragem, inteligência, liberdade, expressividade, colorismo, pertencimento, acolhimento, dor, felicidade, sexualidade, gênero, parentalidade afetiva, preconceito, obstáculos, bravura, vida e prática cotidiana e tantos outros aspectos relevantes que se tornam conteúdo de sala de aula e podem

ser abertos para muitas escrevivências, partilhas, trabalhos.

Relato de experiência

Era uma quarta-feira de sol, com algumas nuvens no céu, o dia estava realmente lindo, só não sabia o que estava por vir. Acordei, e como de costume fui tomar meu banho, escolhi uma roupa de acordo com a ocasião, não consegui me alimentar de tanta ansiedade, pois havia passado num concurso público muito importante afetivamente para mim e só faltava a última etapa a da heteroidentificação para confirmar a veracidade do sistema de cotas (Lei 12.990/2014)

Para minha surpresa fui considerada pela banca, composta por cinco pessoas, como “inapta” e segundo o edital, eu estaria alegando uma falsa declaração e automaticamente eliminada do certame. Cinco pessoas mudaram a minha vida, sim eu perdi minha identidade, visto que eu sempre me reconheci como parda devido às minhas características fenotípicas, minha história de luta contra o preconceito racial e as formas de racismo que só quem é negro sabe.

E o conflito habitou dentro de mim, pois não sou considerada negra, pois minha pele não é retinta, mas também não sou considerada branca e a pergunta ecoa em mim, quem eu sou? Perdi minha identidade, meu referencial, tudo o que sempre acreditei ser é uma mentira? Sou fruto de um casamento inter-racial, meu pai era branco, descendente de imigrantes italianos, no caso meu avô, minha mãe era negra, descendente de negros e indígenas (meus avós) e eu, Vania, sempre me reconheci como mulher negra, fui mãe muito cedo ainda na adolescência, esposa, estudante, pesquisadora, professora, artista, carrego uma jornada exaustiva de trabalho e atribuições impostas pelo patriarcado, vivo o reflexo do ‘capitalismo racial’ baseado nos

estudos de Françoise Vergés, que se fundamenta no pensamento decolonial.

O capitalismo racial segundo Vergès (2020) vem do teórico Cedric Robson, um afro-americano que estudou bastante Karl Marx e diz que a raça não é um produto do capitalismo, pois o mesmo existe com o racismo e ambos estão comprometidos um com o outro. A escravidão e a colonização como extração, de riquezas, mas também de força de trabalho nos corpos negros até seu esgotamento e morte prematura, está morte é racializada e vemos isto até hoje, pois quem morre antes? Quem é o corpo saudável na sociedade? Na pandemia da COVID 19, observamos estas diferenças entre os corpos, pois o corpo saudável faz ginástica, consome alimentos orgânicos, tem mulher para cuidar dos filhos, tem um trabalho bem remunerado, só que este 'modelo' de corpo não é o de milhares de pessoas, isto seria o 'Capitalismo Racial'.

Os brancos sugam os corpos racializados desde a época da escravidão até os dias atuais, o capitalismo racial não é neutro, pois racializa mulheres, homens, cargos de trabalho de forma generalizada e sexualizada.

Quem pode ditar o outro se é negro ou não? Será que existe um negro mais negro e/ou menos negro que o outro? Muito se fala que pardo é papel, porém as pessoas de tons mais claros não são reconhecidas como negras por parte de negros, mas também não são vistas como brancos por parte dos brancos. Então, quem somos?! Importante salientar que pardos são as pessoas que podem estar no conceito de negro e indígena, porém o que se infere aqui é dentro da Negritude. Sendo assim, onde me encaixo, qual o meu lugar nesse não-lugar que a sociedade tanto discrimina?! Beatriz Bueno nos recorda da importância de diferenciarmos a branquitude, de negritude e de negritude de parditude, sendo este último corpos multirraciais e/ou birraciais. "Talvez você não seja uma Pantera Negra e sim um lindo leoPARDO" (Bueno; Clair, 2021, p.16)

Segundo Aline Djokic (2015), ao contrário do racismo, que se orienta na

identificação do sujeito como pertencente a certa raça para poder exercer a discriminação, o colorismo se orienta somente na cor da pele da pessoa. Isso quer dizer que, ainda que uma pessoa seja reconhecida como negra ou afrodescendente, a tonalidade de sua pele será decisiva para o tratamento que a sociedade dará a ela. O colorismo dificulta e até mesmo impede completamente o acesso de pessoas de pele escura a certos lugares da sociedade, o que consequentemente dana ou impede o acesso delas a serviços que lhes são de direito, enquanto cidadãos brasileiros. (Portal Geledés, 2015)

Neste mesmo processo, pauta-se que na relação branquitude-pessoa negra de pele clara o importante não é convencer-se de que a pessoa seja na verdade branca, mas sim conseguir ignorar seus traços negros a ponto de conseguir imaginá-la branca, a ponto de poder suportar sua presença que, por causa do racismo, é vista como intrusa. E que para serem toleradas na sociedade racista e discriminatória, as pessoas negras viram-se forçadas a praticar o mitemismo para terem acesso a espaços dos quais sempre foram excluídas. Os alisamentos capilares também nasceram dessa necessidade de “camuflar” a própria presença, de tornar-se menos “perceptível” para a branquitude e assim garantir a própria sobrevivência.

A fabricação do branqueamento, ao promover a mestiçagem produziu, também, a confusão racial da qual nos fala Sueli Carneiro (2011): é a partir dela que diferenciações como as categorias do IBGE de pretos e pardos, dentro da raça negra, têm funcionado:

[...] como elementos de fragmentação da identidade negra e impedindo que esta se transforme em elemento aglutinador no campo político para reivindicações coletivas por equidade racial, pois, ao contrário do que indica o imaginário social, pretos e pardos (conforme nomenclatura do IBGE) compõem um agrupamento que, do ponto de vista dos indicadores sociais, apresenta condições de vida semelhantes e igualmente inferiores quando comparadas ao grupo branco (Carneiro, 2011, p. 67)

Rosa Parks (2011), uma mulher intelectual negra de pele clara, afirma que o racismo ainda está conosco. Porém, cabe a nós prepararmos nossas crianças para o que elas têm que enfrentar e que, com esperança, nós vamos superar.

Beatriz Bueno Avelino em sua rede social instagram @parditude, aborda e afirma este lugar enquanto mulher parda e resgata a militância de pessoas pardas dentro do Movimento Negro, mas entendendo que existe um movimento contrário e fora dele ao mesmo tempo que é oprimido e excluído, o Parditude. Suas escrevivências se destacam por escrever a respeito da questão dos "pardos" e mestiços, desafiando, assim, uma narrativa hegemônica que divide, de forma binária, a população brasileira em "brancos" e "negros" apenas.

Parditude é um termo que se refere à identidade e à cultura dos pardos ou mestiços no Brasil. Uma forma de valorizar a diversidade e a riqueza cultural que os pardos e mestiços representam, reconhecendo suas origens indígenas, africanas, europeias e asiáticas. Parditude é uma afirmação da identidade e cidadania dos pardos e mestiços, reivindicando seus direitos e sua participação na sociedade brasileira. (Silva, 2023, n. p.)

De acordo com a definição de Beatriz Paiva Bueno de Almeida, uma pesquisadora e ativista do movimento racial brasileiro, Parditude é "a consciência de que somos um povo mestiço, que temos uma história própria, que não somos nem brancos nem negros, mas sim uma mistura de ambos, e que temos orgulho disso". Parditude também é o nome de um canal do Youtube e Instagram onde Beatriz Bueno compartilha seus conhecimentos e experiências sobre o tema.

Segundo ela, Parditude é uma forma de resistir ao racismo e ao apagamento histórico que os pardos e mestiços sofrem no Brasil, onde muitas vezes são invisibilizados ou forçados a se enquadrar em categorias raciais binárias. Os pardos no Brasil são as pessoas que se identificam como tendo uma mistura de origens étnicas, principalmente de brancos, negros e indígenas.

Hernani Francisco da Silva (2023), pondera uma questão bastante relevante para pensarmos o que está por trás da palavra pardo que geralmente é reduzida a um papel de cor marrom claro. Ele traz a origem da palavra pardo que vem do latim pardus, que significa leopardo, *Panthera pardus*, também chamada de pantera, faz parte da família dos felinos. Essa palavra teria passado para o grego como pardos, e depois para o português como pardo, designando uma cor entre o escuro e o menos escuro, por comparação com a cor do felino. No Brasil, a palavra pardo foi usada desde o século XVI para se referir às pessoas mestiças, especialmente de origem indígena e africana, que não se encaixavam nas categorias raciais impostas pelos colonizadores. A palavra pardo, portanto, tem uma origem complexa e uma história marcada pela diversidade e pela resistência.

Que corpo é este que habito? Que dança traz e reverbera meu corpo? Como dançar as adversidades da vida e os deslocamentos de eixo quando nada se sustenta mais? Infelizmente a forma como a sociedade lê nossos corpos pardos é violenta e dói sim na pele. Sem contar a luminosidade de câmeras e efeitos em redes que faz com que embranquecem e retira nossa identidade.

Figura I - LeoParda



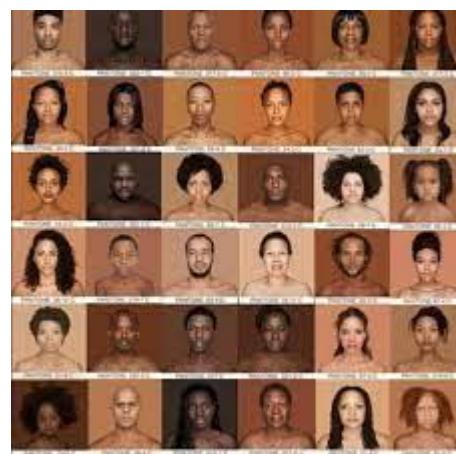
Fonte: Captura de tela em rede social Instagram, @parditude, 2024

Figura II - “Como nós somos?”



Fonte: Captura de tela em rede social Instagram, @parditude, 2024

Figura III - Diferentes tons de pele negra



Fonte: Google, 2024

Eu, Vânia, sou uma mulher parda, de cabelos cacheados, (anteriormente cabelos alisados loiros), sou mãe, professora e compromissada com a educação

horizontalizada e não eurocêntrica, busco em minhas aulas de corpo e textuais diversificar temas e eixos outros importantes para ampliar a discussão em sala de aula, provocar pensamentos de reflexão, questionamento e fortalecimento para um ensino que desperte os corpos para o autoconhecer-se fora dos padrões sociais e curriculares e, também, dinamizar encontros em sala de aula para que a turma se sinta pertencente, convidada para atuar efetivamente nos estudos, se posicionarem com confiança sem medo de serem quem são e se identificar no processo de autopercepção de quem se é, que corpo é este e o que movimenta e está enraizado neste corpo ao ocupar os espaços e transitar entre as mudanças do sistema.

Figura IV - Sou eu



Fonte: Autora, 2024/2023

Pois, aula não é só jorrar conteúdo, mas provocar experiência que seja significativa, que gere um encontro com o próprio corpo e este corpo que também é uma casa se sinta bem-vindo, acolhido e encorajado a percorrer as andanças da vida nele próprio e fora dele.

CAPÍTULO II -Infâncias e Dança: Um caminho para a descolonização dos currículos na Educação Infantil

Descolonizar os currículos na Educação Infantil é sobre pautar conteúdos acerca da pauta negra, parda e indígenas que são invisibilizados. No entanto, para trabalhar tais conteúdos é necessário viabilizar o conhecimento embasado em referências que estejam inseridas nesses grupos e diferentes contextos sociais. Não se trata somente de apresentar um livro que aborde o conteúdo, é preciso dar espaço, visibilidade e trazer representatividade de *fala-corpo* no espaço de aula. E, para isso, nota-se a importância da troca de saberes entre estudantes e outras pessoas. Entendendo que a produção de conhecimento acontece em coletivo, na partilha, no diálogo.

A Lei 11.645 de 2008, dispõe sobre a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Indígena. Tal lei permite trazer visibilidade da sociedade como um todo e contribuições desses povos na formação e manutenção do estado e da sociedade brasileira. Segundo o portal E-Cidadania,

O estudo das histórias e cultura dos povos indígenas e afro-brasileiros nas instituições de ensino, principal foco da Lei, ainda é muito tímido, não sistemático e pouco institucionalizado. Mas, o processo de debate sobre o seu papel e importância tem se iniciado por todos os cantos do país, o que não deixa de ser animador e esperançoso, principalmente quando observamos professores recebendo formação específica para este fim e materiais didáticos sendo produzidos e disponibilizados aos sistemas de ensino e às escolas. (Portal E-Cidadania, 2016, n.p.)

Diferentes propostas pedagógicas podemos trabalhar no ensino básico, para além do uso de Literatura Negra, por exemplo, demonstrações artísticas como músicas, filmes, desenhos, pinturas, fotografias, imagens, poesias, poemas, intervenções de dança e espetáculos, que tenham protagonistas *negres*. Há uma gama de

possibilidades para contribuir com um ensino antirracista, de qualidade e que preza pela equidade, reflexão crítica e construção de saberes afrodiáspóricos.

Desta forma, se abre espaço para a criação de identidade, amplia a perspectiva de mundo, de corpo, de mídia, instiga o reconhecimento de si no outro e no espaço ao redor, potencializa a corporeidade de estudantes *negres* em sala de aula ao se verem e se identificarem com as pessoas da mesma identidade racial, imagens, e passam a observar beleza, desperta a curiosidade em aprender e o instinto da pesquisa em se aprofundar mais nos estudos e na própria história, trajetória familiar de vida, percepção de si e do espaço.

Uma nova configuração de Dança passa a ser alojada. Importante pensar Dança aqui não como lugar de exibição de sequências de movimentos, mas sim, como área de conhecimento, um espaço para teorizar a prática e praticar a teoria. Entender que voz é corpo, escrever é dançar, fazer uma leitura de si, do outro, do espaço, de um texto são formas de estudar Dança e pensar modos de se construir e refletir sobre a própria dança que emerge do corpo.

Esse corpo que é memória, que tem história, trajetória, que se afeta e é afetado, que transita em diferentes casas-corpos e que ao estabelecer contato com diferentes culturas, arcabouços fora da realidade, do comum e habitual, passa a obter novas compreensões de mundo e criar relações com o próprio mundo de si. Dar voz aos corpos negros/pardos, apresentar possibilidades de ensino e aprendizagem sob uma ótica construtiva, perceptiva, sensível e analítica, faz com que estes se sintam pertencentes ao espaço que se encontram e questionem mais, pensem mais e analisem sua própria forma de pensar e a compartilhar conhecimento e a crescer intelectualmente.

Ser autor (a) de sua própria história é escutar: que corpo é este!? O que o move?! A intelectualidade passa por aí. Neste lugar de se ver e afirmar como intelectual

e se reconhecer como sujeito produtor de conhecimento, e que este último não está centrado no professor, mas sim em cada corpo. Pois o corpo tem sabedoria própria, é inteligente, além de sermos seres relacionais, nós humanos, então, o tempo inteiro estamos trocando informações, conhecimentos, aprendendo coisas novas, revisitando outras, assistindo e vendo assuntos diferentes.

Compreender que ser intelectual não se restringe a professores-pesquisadores, pessoas com título de forma geral ou que elaboraram uma teoria e grande descoberta, porém, pessoas que estão no nosso cotidiano, no nosso convívio, como nossa mãe, pai, tio, tia, avó, avô, crianças, vizinhas, enfim, pessoas como garis, cozinheiras, donas de casa, diaristas, lavradores, vendedores de bala, são pessoas que têm conhecimentos diferentes e sempre algo a nos proporcionar de aprendizagem e ensino.

Então, apresentar esse outro mundo a corpos negros, de se verem com e como intelectuais e produtores de conhecimento de sua própria história é algo valioso, pois faz com que estes estudantes se projetem em um futuro melhor e ocupem espaços de poder que antes, talvez, não sabiam que podiam estar e/ou porque não tiveram professores negros na escola e/ou professores que mostrassem oportunidades amplas das que conhecem.

Evaristo afirma que “Reconhecer que as mulheres negras são intelectuais em vários campos do pensamento, produzem artes em várias modalidades, o imaginário brasileiro pelo racismo não concebe, para uma mulher negra ser escritora, é preciso fazer muito Carnaval primeiro.” (Evaristo, 2017)

Conceição Evaristo fala que reconhecer as mulheres negras enquanto intelectuais é um caminho árduo a ser percorrido, diante do racismo estrutural. Pois, nós mulheres, homens, crianças negras precisamos batalhar duas vezes para conquistar nosso espaço em algum lugar. Por sermos quem somos, utilizar a “arma” do conhecimento é crucial para sermos intitulados “alguém de valor” e alcançar objetivos

maiores na vida.

Escrevivência, em sua concepção inicial, se realiza como um ato de escrita das mulheres negras, como uma ação que pretende borrar, desfazer uma imagem do passado, em que o corpo-voz de mulheres negras escravizadas tinha sua potência de emissão também sob o controle dos escravocratas, homens, mulheres e até crianças. E se ontem nem a voz pertencia às mulheres escravizadas, hoje a letra, a escrita, nos pertencem também. Pertencem, pois nos apropriamos desses signos gráficos, do valor da escrita, sem esquecer a pujança da oralidade de nossas e de nossos ancestrais. Potência de voz, de criação, de engenhosidade que a casa-grande soube escravizar para o deleite de seus filhos. E se a voz de nossas ancestrais tinha rumos e funções demarcadas pela casa-grande, a nossa escrita não. Por isso, afirmo: “a nossa escrevivência não é para adormecer os da casa-grande, e sim acordá-los de seus sonos injustos”. (Evaristo, 2020, p.31.)

Ter, professores que estejam comprometidos com a Educação Antirracista é algo que possibilita uma riqueza nas discussões na prática pedagógica e na didática abordada em sala. Quando se tem uma professora que valoriza tais conhecimentos, pré-conceitos errôneos são quebrados e pensamentos desconstruídos, se criam estudantes mais críticos, pensantes, questionadores, e não reprodutores do que foi dito pelo professor, mas passa a se reiterar e ser participante-atuante em aula.

Valorizar um currículo afrocentrado, coloca no centro a negritude e tudo aquilo que o colonizador impôs e marcou, passa a ser “raspado” do corpo, uma higiene sociocultural começa a acontecer e os estudantes passam a vislumbrar possibilidades de ser.

Para o filósofo Renato Nogueira (2014), é

(...) através da pluriversalidade, da poliracionalidade e do reconhecimento da humanidade de todos os povos, dentro de uma perspectiva pluriversal, todos os saberes emergem de contextos culturais específicos, isto é, adventos locais que, por conta do seu caráter humano, podem ser validados em outros contextos culturais. Por exemplo, uma visão pluriversal rechaça a ideia de que um povo possa ter inventado a música. Ora, em determinados contextos culturais surgiram gêneros, estilos, formas, formatos musicais, como o samba e o rock; mas não podemos subsumir a música a um deles. O mesmo deve se

aplicar à Filosofia. Por isso, tomar a filosofia da Grécia Antiga como o único protótipo ou modelo de filosofia é tão equívoco como restringir a música à bossa-nova. (Nogueira, 2014, p.35.)

Por isso, faz-se necessário se ater a este trabalho de desenvolver uma práxis pedagógica da qual a turma esteja envolvida e que o conhecimento seja pluriversalizado. Como bem disse Conceição Evaristo, “Gosto de dizer que a escrita é para mim o movimento de dança-canto que o meu corpo não executou, é a senha pela qual eu acesso o mundo.” (Evaristo, 2005, p.202.)

Dito isso, a construção de uma aula diversificada que seja atuante na perspectiva antirracista e decolonial, voga com o que trabalho nas escolas no segmento infantil. Sendo assim, pode-se perceber que a pesquisa afrodiáspórica amplia a cultura corporal, o vocabulário corporal, a diversidade corporal, as subjetividades e identidades corpóreas a enriquecer os conhecimentos compartilhados em sala de aula, bem como contribuir para a erradicação do bullying, preconceito, discriminação e a desinformação e ignorância atravessada por culturas dominantes.

Bizoni (2018) destaca que ao se apoiar sobre as questões da Intolerância Religiosa pode-se desenvolver assim como faz nas escolas, um trabalho de pesquisa sobre o corpo, a dança, a tolerância com o outro e seu credo. Destaca que dar a oportunidade das crianças colocarem seus conhecimentos prévios artísticos e utilizá-los para construir uma composição coreográfica mais chão. Isso gera resultados como um resgate histórico-cultural afro-brasileiro e a ressignificação das danças por diferentes grupos.

Ainda em Nogueira (2014), tomar essas noções para defender o pluralismo intelectual e a diversidade de filosofias precisa reverberar em outras instâncias. No que se refere a área de conhecimento da Dança, pensá-la sob diferentes perspectivas, é sobre estudar, pesquisar e corroborar com referenciais teóricos da mesma que

caminhem com a pluriversalidade e não sendo universalidade. Posto que, existem várias manifestações de dança, e se tratando da Dança Acadêmica, enquanto pesquisa, deve ser desorientada do escopo eurocêntrico, e apresentar outras configurações referenciais da Dança que versem a afrodiáspórica, indígena, parditude, para sustentar um papel determinante em modelos que pregam a racionalidade humana. Quantos autores negros e indígenas você conhece e já leu?! Poderia listar 8?!

As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana (Brasil, 2004), deixa explícito a importância de tais conhecimentos antirracistas percorrem toda a educação para assegurar esta abordagem de ensino.

Art. 1º A presente Resolução institui Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, a serem observadas pelas Instituições de ensino, que atuam nos níveis e modalidades da Educação Brasileira e, em especial, por Instituições que desenvolvem programas de formação inicial e continuada de professores. § 1º As Instituições de Ensino Superior incluirão nos conteúdos de disciplinas e atividades curriculares dos cursos que ministram, a Educação das Relações Étnico-Raciais, bem como o tratamento de questões e temáticas que dizem respeito aos afrodescendentes, nos termos explicitados no Parecer CNE/CP 3/2004. § 2º O cumprimento das referidas Diretrizes Curriculares, por parte das instituições de ensino, será considerado na avaliação das condições de funcionamento do estabelecimento. Art. 2º As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações ÉtnicoRaciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africanas constituem-se de orientações, princípios e fundamentos para o planejamento, execução e avaliação da Educação, e têm por meta, promover a educação de cidadãos atuantes e conscientes no seio da sociedade multicultural e pluriétnica do Brasil, buscando relações étnico-sociais positivas, rumo à construção de nação democrática. (Brasil, 2004, p.1)

Viabilizar um ensino de qualidade, passa pelo cuidado com a linguagem que está sendo oferecida. Como os referenciais teóricos, literários, fílmicos, com, as projeções de imagens e corpos em uma aula expositiva, aula conceitual, aula corporal, com a abordagem e mecanismos diversificados com o fim de proporcionar uma aula que atenda às demandas do currículo de modo contínuo às questões levantadas sobre uma

temática e não somente em datas específicas para falar sobre a consciência negra ou indígena por exemplo. Pois, gerar consciência sociocultural, intelectual, corporal, é algo que deve ser trabalhado continuamente.

Diversificar a forma de lecionar, se utilizar de mecanismos que instiguem o interesse, a curiosidade e cutuquem lugares que incomodam aos olhos da sociedade é importante para se formar opiniões críticas no espaço de aula e formar estudantes pensantes.

Pensamento dança e Dança é pensamento, corpo é pensamento e quando integramos e ativamos a inteligência de nossa corporeidade, o extinto da pesquisa e estudos de excelência começam a surgir e provocar os demais envolvidos: o corpo social, escolar, familiar a pensar sobre e se envolver e mobilizar mais com estas questões. Além de outras pautas serem trazidas à medida que vá crescendo a motivação e propagação desses assuntos e estudos.

A decolonialidade revela maneiras de compreender a existência por meio das epistemes e do próprio mundo em que vivemos que lhe são próprias e busca fomentar práticas, estratégias e formas de pensar-fazer construídas na afirmação da humanização e da existência, através de sistemas civilizatórios contra-hegemônicos, ou seja, organizam processos de conscientização do mundo por meio de saberes e experiências que conduzem a novos paradigmas no que diz respeito às estratégias de combate às opressões e às desigualdades.

De que maneira o ensino da Dança-Educação na escola e o que ela pode oferecer enquanto conteúdo acerca das relações étnico-raciais afro-brasileiras fazendo valer a Lei 11.645/2008?! Por meio do reconhecimento do corpo negro na infância pensar uma Dança Afroreferenciada na escola pode ressignificar e fortalecer a autoestima dos estudantes através da valorização da cultura negra, do sentimento de pertencimento, da formação humana e social contra o racismo.

Desenvolver práticas que estimulem o corpo na escola sobre o amor próprio e reconhecimentos de si e do corpo negro na infância pela concepção sensível, aberta e politizada da Dança, ações como palestras e reflexões de nossas raízes históricas com maior aceitação da sua cor na práxis do conteúdo na matéria da Dança, possibilita vivências onde a criança negra se veja de forma potente, desconstruindo assim, a ideia de história única que nos foi contada sobre nossa ancestralidade negra. São aspectos que nos ajudarão a reconhecer de onde vêm nossas próprias influências culturais e simbólicas que formam cada indivíduo em nossa sociedade, além de apresentar a diversidade cultural, de valores, línguas, crenças, religiões, manifestações dançantes, um vasto rico conhecimento a ser trabalhado na escola a atuar contra o preconceito e ampliar o horizonte e trazer mais informações assertivas sobre que dança é essa na escola na perspectiva afro-parda-centrada.

Entender que a aula de Dança não é só movimentar o corpo, mas estudar, perceber, analisar, apreciar como este corpo se movimenta, quais histórias, ambientes, percursos transitam neste corpo, o que o move diante das durezas e obstáculos da vida e como trazer respiro, aconchego, acolhimento ao corpo pela expressividade, criatividade, consciência e sensibilidade que a Dança evoca. A aula é a própria vida acontecendo, presentificando nossas ações cotidianas e trazendo estados de *MuDança*.

A teorização prática da Dança perpassa diferentes eixos temáticos e conteúdos outros que podem ser estimulados e aprendidos de modo que os estudantes despertem o que há de mais belo, potente e diversas inteligências de si e nas demais áreas corpóreas e que transpassam outras aulas e dimensões físicas-motoras, cognitivas-intelectuais, afetivas-emocionais, socioculturais, sensoriais, sensível-humano.

A imagem da pessoa negra em alguns livros didáticos é, em geral, apresentada em lugar subalterno, contribuindo ainda mais com o racismo na sociedade em que

vivemos. Isso demonstra uma enorme ausência de referências positivas da negritude nesses livros, o que reforça a negação desses estudantes para o autoconhecimento, autocuidado e autoestima.

Para Silva (2017), e corrobora com ela, a dança é uma linguagem que nos ajuda a buscar políticas identitárias que auxiliem o reconhecimento dos sujeitos. Ela acredita que a dança é um dos elementos-chave para as reexistências dos indivíduos através do reconhecimento de sua ancestralidade negra.

Silva destaca a importância de atermos a percepção do corpo, para além de uma esfera física, mas suas configurações simbólicas, socioculturais, e transformar o espaço de aula como um espaço afetivo principalmente aos corpos negros que são desprovidos neste e em diversos espaços de atenção, cuidado, incentivo, motivação e abertura para expressar suas emoções, sonhos, desejos, dores e falar de suas histórias.

Considerando o corpo como esfera privilegiada de construção de identidades aprendemos a perceber o gesto dançado a partir do engajamento expressivo do movimento, desenvolvendo autonomia e ampliando nossas possibilidades de re-existir. (Silva, 2017, p.19.)

CAPÍTULO III - Dança-Educação: A importância desse componente curricular nas escolas e seus alinhavos reflexivos acerca das relações étnico-relacionais.

Para falar sobre esse tópico, primeiramente é preciso explicar o que é Dança, o que é Dança-Educação. Dança é uma palavra que evoca muitos sentidos e significados, várias são suas concepções no âmbito social, escolar, acadêmico, midiático. Resumidamente a dança no contexto social está relacionada a entretenimento, prática de lazer, lugar de reprodução de movimentos, e expressão artística.

No contexto escolar, é um componente curricular obrigatório a ser dado por licenciados em Dança em consonância com a Lei 13.278 de 2016, não sendo, portanto, o ensino polivalente e dado por multiprofissionais de outras áreas, mas sim, como uma matéria que exige conhecimentos específicos para ser atuante no espaço de aula.

No âmbito acadêmico, é uma área de conhecimento, de pesquisa com diversos campos de estudo, que não se orienta em estilos de dança, mas sim, a pensar e analisar o corpo humano em seus aspectos integrais, podendo o egresso atuar na saúde (Lei 2.821/2019; Lei 13.794/2019), educação, cultura (Lei 4.768/2016). Já no espaço da mídia, além de ser propagada como entretenimento, é um espaço que pode viabilizar como profissão, área de conhecimento também, como acontece nos canais Futura, Canal Brasil, Arte 1, Discovery Channel, Paramount, SESC TV e outros canais fechados e abertos que apresentam a Dança sob uma gama de perspectivas.

Como disse a professora emérita de Dança da UFRJ Helenita Sá Earp (2009), tudo pode ser dança, mas nem tudo é dança. Pois falar de Dança envolve muitos aspectos e, que, também, carece de um olhar e valorização dela como área de conhecimento e profissão.

Para sustentar a construção desse entendimento faz-se necessário o reconhecimento de que:

A Dança por sua natureza intrínseca como ciência integral, possui um corpo de conhecimento amplo, envolvendo eixos abertos e vários aspectos da corporeidade humana, numa integração entre princípios científicos-artísticos-filosóficos-educacionais. A Dança é harmonia universal em Movimento. Por esta razão, pode-se dizer que a Dança está em constante processo de corporificação. Isso equivale dizer que a Dança está presente em qualquer movimento criado, desde que a ação revele este estado de intensa interação, expressando a consciência do uno em todos os fenômenos. (Earp, 2009, p.1)

Refletindo sobre a práxis da Dança Educação é preciso se perguntar: O que é Dança Educação? Onde está a Educação na Dança? Dança Educação, o que é e para quê?

Procurar um entendimento da seriedade da teorização prática em Dança é analisar os favorecimentos e proliferação de conhecimento integral do corpo e conceitos na Educação Infantil que ela alcança. Sair do lugar dos estigmas e como algo simplório requer construir troca de saberes para oportunizar conhecimentos amplos, dela enquanto uma práxis pedagógica importantíssima para o processo formativo da infância no âmbito escolar.

Pensar a Dança enquanto espaço de transformação criadora, é instigar provocações reflexivas, trazendo consciência corporal, sociocultural, racial nas escolas. Apresentar cuidado na linguagem verbal, escrita, visual, e outra que seja se passa pela forma como nós, educadores-professores nos posicionamos em sala de aula, nossa condução de aula, os referenciais e conteúdos que usamos, o

compartilhamento de materiais visuais representados neste, os produtos escolares e educacionais que consumimos e compartilhamos em sala.

Para Patrícia Stokoe et al. (1987) a dança é uma das linguagens artísticas, patrimônio da espécie humana que considera a pessoa como unidade indivisível em suas áreas psicológica, sensitiva, motora, afetiva, criativa e social. Um ser que se impressiona com estímulos de seu meio, os reelabora em seu interior e os expressa em sua dança (Stokoe, et al, 1987, p. 1).

Queremos formar pessoas atentas e contatadas com sua realidade, num intercâmbio consciente, questionador e transformador. [...] Pessoas que perguntam, busquem e questionem. [...] Queremos pessoas que compreendam que nos completamos no intercâmbio com os demais, na cooperação, no compartilhar, respeitar-se e respeitar (Stokoe, et al 1987, p. 4)

Patricia Stokoe (1994) propõe pensar o corpo de forma interligada. De acordo com ela na aprendizagem da dança orienta-se ao praticante a se disponibilizar para ampliar sua capacidade de registros e ações evitando expectativas, sugestões, racionalizações que perturbem a autenticidade da experiência assim como estereótipias que limitem as possibilidades de criação. O que importa é 'despertar' a atenção para o corpo, para as qualidades e possibilidades de movimento. Sendo assim, a dança ativa uma ampla gama de processos dentre os quais podemos destacar a ampliação da percepção, o aguçar da sensibilidade, a construção de conhecimento pelas vias sensório-motoras, a expressão da subjetividade, o desenvolvimento das capacidades criativas e comunicativas, a reflexão. Um contato maior se estabelece consigo mesmo, com os outros, com o entorno.

O processo de reeducar o corpo para as sensibilidades é um processo que infere o trabalho da afetividade humana, de todo aspecto relacional, em perceber como os corpos se movimentam, mas principalmente o que os movem, e o que jazem nessa ação corporal em termos de sensação, curiosidade, percepção,

descoberta, melhorias, questões.

Segundo Maria Ignez de Souza Calfa (2015)

Nesta dimensão, no enraizar-se de si mesmo o corpo como morada do ser, pelos apelos da escuta revela o habitar poético, no desvelo da própria terra em que tudo se reúne e se recolhe na doação do movimento, sentido que se faz em tessituras da realidade. A dança tece na trama do corpo o lugar da experiência, na tensão de espaço e tempo nos destina como questão o pensar do humano, a corporeidade. (Calfa, 2015, p.6)

A ausência de representatividade parda/negra/indígena do corpo docente na escola faz com que as bases referenciais sejam esquecidas e a questão identitária seja desvinculada da corporeidade das crianças. Por mais que tenhamos hoje professores brancos comprometidos com a Educação Antirracista, o olhar da criança-jovem percorre o corpo que está a frente, ou seja, os traços, tom de pele e isso gera um processo de pertencimento naquele espaço, pois o estudante se projeta na imagem do outro e pode vislumbrar ocupar tal posição porque vê uma pessoa parecida com ele e que passa pelas similares experiências sociais.

Calfa, uma mulher, professora-pesquisadora em Dança parda que se autodefine negra, traz a Corporeidade como uma prática educacional na Dança de Encontro, um lugar de percepção e escuta de si mesmo na relação com o outro, com o espaço e outras dimensões corpóreas. Ela aponta que:

A educação deve ter como princípio a escuta do essencial, porque ao ser acordada na corporeidade abre sentido do corpo e funda a experiência do ver para além dos olhos; compreender pelo tato e perceber pelo tocar das mãos, do mesmo modo que ouvir pode ser o despertar da sensibilidade. (Calfa, 2015, p.8)

O eurocentrismo ainda transita no espaço de aula, a começar pelos professores que insistem por vezes em desqualificar intelectuais negras não-

acadêmicos, como a avó que tem uma sabedoria grandiosa sobre remédios de tratamento, benzimento, ervas, o avô que faz artesanartes, a tia que coloca aquele ingrediente especial na comida de cunho afetivo, ou até mesmo uma pessoa em situação de rua que produz arte e vive na calçada da escola e se estuda autores de fora do país, majoritariamente brancos, sem cultura e vivência e conectivos com a história dos corpos em suma, negros e indígenas em sala de aula. Isso, quando não se é tratado com teor racista, dizendo que são “macumbeiros”, do “diabo” e afins.

Isso não quer dizer que devemos excluir autores da branquidade de nossas leituras, porém, urge nas escolas e academias universitárias, pluriversalizar o conhecimento, fazendo que o conhecimento eurocêntrico não sobressaia e ocupe um lugar dominante como detentor de todos os saberes em função de outros conhecimentos que passam pelo processo de barreiras de acesso ao mesmos e são deturpados como ciência e inferiorizados e até mesmo pouco estudado.

Epistemicídio - se refere à morte da construção do conhecimento. Isso acontece quando uma cultura se sobrepõe a outra, criando formas de dominação política e ideológica. Quando acontece uma supervalorização da cultura embranquecedora, de culturas dominantes, colonizadoras, o conhecimento afro-brasileiro e das culturas de matrizes africanas são subalternizadas e expostas como inferior as demais. Sendo que, as riquezas, conhecimentos de diversas áreas e descobertas provém da população negra, indígena e outras que são colocadas como inferiores, tendo portanto, suas ciências desqualificadas.

Na escola sempre estudamos os números a partir de matemáticos brancos, estudiosos como Einstein, Platão, Sócrates, porém há estudos que refutam a ideia de que matemática se originou por eles, mas sim, no Egito, por pessoas negras, assim como construíram as pirâmides que são símbolos marcantes e que demandaram muito conhecimento corpóreo para planejar e elaborar a mesma com

tanta perfeição. Vale salientar, que nem todas as culturas contam como os romanos, gregos, contam, pois a contagem difere de cultura para cultura, em culturas se conta apenas até cinco, outras por meio de símbolos, outras não iniciam pelo número um, mas sim pelo sete. Isso é muito relativo. Não se deve olhar o mundo sob uma mesma cosmovisão, diante de vastos territórios produtores de saberes que foram silenciados e desprovidos de alcançar espaços e acessar lugares de destaque.

Assim como destaca Renato Nogueira (2020) “É possível falar da filosofia fora de um desenho geopolítico europeu?” (Nogueira, 2020, p.29). Portanto, parafraseio seu pensamento, “é possível pensar a Dança fora de um desenho geopolítico europeu?” Descolonizar o pensamento é fazer valer a lei 11.645/2008 nas escolas e universidades pautadas em referenciais que representem as corporeidades negras, pardas e indígenas.

Hoje, podemos delatar vários registros, escritos, livros, artigos, documentários e acervos negros, graças aos Movimentos Estudantis e Sociais, Movimento Negro, Corpo Acadêmico. Trazê-los para o ambiente educacional e mobilizar todo corpo escolar, faz com que rememos contra a supremacia branca pela caminhança corporal, textual, imagética, oral, artística, de muitas maneiras. Politizar, conscientizar, trazer criticidade aos corpos, é fazer com que a turma questione, reflita, se posicione, se afirme e não permita que roubem o conhecimento que detém em seus corpos. Posto que, o corpo é lugar de produção de ciência, e fazer ciência com o corpo é legitimar, demarcar, restaurar, pesquisar, expressar os corpos que fizeram parte e continuam fazendo neste corpo da contemporaneidade. Vejamos a seguir alguns registros de aulas de Dança Educação:

Figura V - Movimento Espelhado



Fonte: Autora, 2024

Figura VI - Movimento Espelhado 2



Fonte: Autora, 2024

Figura VII - Explorando o corpo



Fonte: Autora, 2024

Figura VIII - Sessão Cinema “Hair Love”



Fonte: Autora, 2024

As figuras acima são recortes de propostas pedagógicas de dança-educação numa perspectiva decolonial e antirracista. Na figura cinco a sugestão foi trabalhar as imagens corporais, isto é, a consciência de si e do outro, com o objetivo de despertar olhar para si e para o outro e a partir desse jogo corporal a professora orientou algumas possibilidades em diferentes sentidos, direções, parados etc. Ao final da aula houve uma roda de conversa com as crianças, em que eles colocaram as diferenças sobre si e do outro, o que mais gostaram, suas dificuldades em reproduzir o movimento/gesto do outro. Após este momento, cada um fez um desenho sobre o que mais interessou na aula.

Observou-se que a maioria das crianças se desenharam em duplas ou trios e até em grupo grande, conforme a atividade proposta. O mais interessante foi como eles se perceberam no espaço, pois quando a atividade era em dupla ou trio era bem mais fácil dos estudantes se organizarem espacialmente e receberem/doarem os gestos/movimentos do outro quando a proposta foi aumentando o número de participantes a organização espaço-temporal foi ficando mais complexa e desafiadora. Ao final da aula todos se perceberam diferentes uns dos outros e um linque foi feito com a temática da aula anterior em que foram discutidas questões sobre a percepção do próprio corpo, ou seja, como eles se veem, se autodesenhariam, descreveriam-se e afins.

Antes dessa vivência acontecer, algumas crianças negras estavam reproduzindo desenhos do fenótipo branco, pois não se viam enquanto sujeitos negros em si mesmos, nas mídias e histórias. Através do filme “Hair Love” (Amor ao Cabelo), houve uma afetação positiva que fez com que os estudantes se identificassem com os personagens e desfizesse da imagem imposta pelos sistemas social, posto que, desenhavam os cabelos lisos, pele clara, fugindo das características que se tinha. E assim, passaram a trazer o próprio corpo como autorreferência negra e maior representatividade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como mostramos no trabalho, a educação interfere no desenvolvimento do sujeito. Dar autonomia em suas ações, ensinando-a a cuidar-se e respeitar-se, não somente a si como o espaço e o corpo do outro se desenvolverá com mais qualidade de vida e independência. Acredito que uma criança criada sob uma práxis pedagógica sensível possa ter uma amplitude de criatividade, tomada de decisões, segurança e confiança. Então podemos concluir que a Dança, enquanto uma prática educacional é eficaz na interação humana, no cultivo ao respeito, à coletividade, ativa nossa sensibilidade, a organização, entusiasmo, resiliência, gestão emocional, expressividade e proatividade. E principalmente, a educação e(a)fetiva, consciente, politizada, antirracista.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BIZONI, Vania. **Danças Afrobrasileiras Intolerância e Educação: Uma proposta de aplicação da Lei 10.639/03 em aulas de Educação Física.** Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização). Rio de Janeiro: PRD - Programa de Residência Docente, 2018.

BLOGUEIRAS NEGRAS. Portal Geledés - **Colorismo: O que é, como funciona.** São Paulo, 26 fev. 2015. Disponível em: https://www.geledes.org.br/colorismo-o-que-e-como-funciona/?amp=1&gad_source=1&gclid=CjwKCAiA29auBhBxEiwAnKcSqiqeDVV9B6x1vYYn55kIleNIBTSFaXeE-jo1P0H9kdAndiL7OpImuRoC2HcQAvD_BwE Acessado em: 20 jan. 2022.

BUENO, Beatriz; CLAIR, Ericson. Impedidos de entrar em Wakanda - Reflexões sobre Parditude, Manifestações Midiáticas e Desafios de Pertencimento. Rio de Janeiro: UFF. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. **44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Virtual**, 2021.

BRASIL. **Lei n. 13.278, de 2 de maio de 2016.** Altera o § 6º do art. 26 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que fixa as diretrizes e bases da ANDA | ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM DANÇA educação nacional, referente ao ensino da arte. **Diário Oficial da União**, Brasília, 03 mai. 2016.

BRASIL, Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular.** Brasília, MEC/SEB, 2017. Disponível em:
http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=79611-anexo-texto-bncc-aprovado-em-15-12-17-pdf&category_slug=dezembro-2017-pdf&Itemid=30192 Acessado em: 04 julh. 2022.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.** 4. ed. Brasília: Ministério da Educação, 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. **Plano Nacional de Educação.** Brasília: Ministério da Educação, 2014.

BRASIL. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Brasília: Ministério da Educação, 2004. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/res012004.pdf> Acessado em: 03 jun. 2013.

CALFA, Maria Ignez. **Teias, Tramas e Tessituras: uma Travessia.** In.: VIII Congresso Brasileiro da Associação de Pesquisa e Pós-graduação em Artes Cênicas, 2008. Belo Horizonte. Anais do VIII Congresso da ABRACE. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008. V.4 n°1.

CALFA, Maria Ignez. **O Desafio de um Educar Poético na Dança.** Rio de Janeiro: UFRJ, 2015.

CARNEIRO, Sueli. **Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil.** São Paulo: Selo Negro, 2011.

DJOKIC, Aline. **Colorismo:** o que é, como funciona? GELEDÉS: instituto de mulheres negras, 26 fev. 2015. Disponível em: https://www.geledes.org.br/colorismo-o-que-e-como-funciona/?amp=1&qad_source=1&qclid=CjwKCAiA29auBhBxEiwAnKcSqiqeDV9B6x1vYYn55kIleNIBTSFaXeE-jo1P0H9kdAndiL7OplmuRoC2HcQAvD_BwE. Acesso em: 18 jan. 2023.

EARP, Helenita de Sá. **O Campo Psicológico da Dança Educacional.** Arquivos da Escola Nacional de Educação Física e Desportos, ano II, n. 2, p. 17- 20, jun. 1946. disponível em: <http://www.ceme.eefd.ufrj.br/docs/mdenefd.html>. Acessado em: julh. 2022.

EARP, Helenita Sá. **Fundamentos Filosóficos, Científicos, Artísticos e Educacionais da Dança,** Rio de Janeiro: manuscrito, [S. d].

EARP, Helenita de Sá. **A dança como fator educacional.** In: Arquivos da Escola Nacional de Educação Física e Desportos. Ano I, n. 1, outubro de 1945, p. 20- 23. Universidade do Brasil, Escola Nacional de Educação Física e Desportos, Rio de Janeiro, 132 p.

EARP, Helenita de Sá. **Estudo das posições básicas e iniciais combinadas com atitudes de outras partes do corpo**, manuscrito de 1975.

EARP, Helenita de Sá. **Sistema Universal de Dança**, manuscrito de 1980.

EARP, Helenita Sá. **Estudo do movimento I, II e III**. Rio de janeiro, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Pesquisas aprovadas pelo CEPEG, 1974.

EVARISTO, Conceição. **Escrevivências**: a escrita de nós – Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

EVARISTO, Conceição. **Vozes-mulheres**. Cadernos Negros, v. 13, São Paulo, 1990.

EVARISTO, Conceição. **Da representação à auto-representação da mulher negra na literatura brasileira**. Revista Palmares, ano 1, n. 1, p. 52-57, ago. 2005a.

EVARISTO, Conceição. **Gênero e etnia: uma escre(vivência) de dupla face**. In: BARROS, Nadilza Martins de; SCHNEIDER, Liane (Org.). *Mulheres no Mundo: etnia, marginalidade e diáspora*. João Pessoa: Ideia, 2005b.

E-Cidadania. **Obrigatoriedade do estudo da história e cultura indígena, africana e afro-brasileira nas licenciaturas na área das ciências humanas**. Brasil, 2016. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/ecidadania/visualizacaoideia?id=51182> Acessado em: 05 jan. 2023.

GARCIA, Elena Moraes; EARP, Helenita Sá; VIEYRA, Adalberto Ramon; EARP, Ana Célia Sá; LIMA, André Meyer Alves de. **Dança e Ciência: uma reflexão preliminar acerca de seus Princípios Filosóficos**. Rio de Janeiro: *Boletim Interfaces da Psicologia da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRuralRJ)*, 2009. p. 65.

GUALTER, Kátia Souza; PEREIRA, Patrícia Gomes. Fundamentos da Dança, de Helenita Sá Earp. Co-autoras Ana Célia Sá Earp e Glória Futuro Marcos Dias. 2000.

GIL, José. **Movimento total:** o corpo e a dança. São Paulo: Iluminuras, 2004.

HANDSON, A. Joyce. Rosa Parks: **A Biography**. EUA: Greenwood Biographies, 2011.

HELENITA Sá Earp. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2019. Instituto NOOS; PROMUNDO (2008). **Mapeamento de iniciativas de promoção de formas de educar que não utilizem castigos físicos e humilhantes** – Relatório Final. Rio de Janeiro: Rede Não Bata, Eduque, setembro de 2008. Disponível em: <https://www.helenitasaearp.com.br/acervo-bibliografico> Acessado em: 13 de mai. 2023.

LUCIANO, Gersem José. **A história e cultura indígena no contexto da Lei 11.645/08: reflexos na educação brasileira**. Amazonas. Revista de Educação do Cogeime, 2016.

MOTTA, Maria Alice. **Teoria Fundamentos da Dança:** Uma abordagem epistemológica à luz da teoria das estranhezas. Dissertação (Mestrado) – Ciência da Arte/Instituto de Arte e Comunicação Social/Universidade Federal Fluminense. Niterói: UFF, 2006.

NOGUEIRA, Renato. **O Ensino de Filosofia e a Lei 10.639**. 1a ed. Rio de Janeiro: Pallas: Biblioteca Nacional, 2014.

OLIVEIRA, Kiusam. **Múltiplos olhares sobre as múltiplas infâncias**. São Paulo. Portal Lunetas, 2024. Disponível em: <https://lunetas.com.br/em-novo-livro-kiusam-de-oliveira-exalta-o-poder-do-carinho/> Acessado em: 05 de jan. 2023.

OLIVEIRA Kiusam. **Literatura Negro-brasileira do encantamento e as infâncias: reencantando corpos negros**. Espírito Santo: UFES, 2020.

PARKS, Rosa. **Afroamericanos** – Mulher negra. Portal Geledés. Brasil, 2011. Disponível em: https://www.geledes.org.br/rosa-parks/?gad_source=1&gclid=CjwKCAjw3624BhBAEiwAkxgTOpgZI35V9Py1Wpe4BkRU8agnBloboOaauygMQTGeB9WsD00PtcKK6BoCND8QAvD_BwE Acessado em: 07 de jun. 2022.

QUELHA, Denise. **A Dança-Educação/Nos Passos da Memória**. Dissertação de

Mestrado. Memória Social/Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: UNIRIO, 2013.

SANTORO, Marco Antonio; OLIVEIRA, Márcia; NEVES, Rogério; GUEDES, Adrianne; MACHADO, Camila; BIZONI, Vania, et. al. **Corpo na escola**: práticas e reflexões. Rio de Janeiro: Imperial Editora, 2021. – Cap. **O Corpo e o Lúdico na Escola**, p. 77.

SILVA, Hermani Francisco. **Afrokut**. Goiânia, 2023. Disponível em: <https://afrokut.com.br/blog/o-que-e-parditude/> Acessado em: 20 jan. 2023.

SILVA, Luciane. **Colonialidade, pedagogia de dança e técnica Germaine Acogny**. Tese de Doutorado. Artes da Cena/ Universidade Estadual de Campinas. Campinas: UEC, 2017.

STOKOE, P. e SCHACHTER. **A. La Expresión Corporal**. Ed. Paidós, 1977.

STOKOE, Patricia. **La expresión Corporal y el niño**. Buenos Aires: Ricordi, 1967.

STOKOE, Patricia. **Expressão corporal na pré-escola**. São Paulo: Summus, 1987. Expressão corporal: guia didático para o professor, 1992.

STOKOE Patricia. et al. **La expresión corporal- danza en el congreso pedagógico**. Trabalho apresentado nas 3as Jornadas “El Perfil del Nuevo Docente para el Cambio Educativo. Buenos Aires. Mimeografiado, 1987(a).

STOKOE, Patricia. **Expresión corporal: arte, salud y educación**. Buenos Aires, ICSAHumanitas, 1987(b).

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis: Vozes, 2002.

VALLE, Cassia; PALMEIRA, Luciana; DANTAS, Cell. **Bloquinho de Poemas e Canções da Calu**. Rio de Janeiro: Malê, 2018.

VERGÉS, Françoise. **Um feminismo decolonial**. França: Ubu, 2020.

WEIL, Pierre; TOMPAKOW, Roland. **O corpo fala: a linguagem silenciosa da comunicação não-verbal**. 56 ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

XAVIER, Giovana. **Você pode substituir mulheres negras como objeto de estudo por mulheres negras contando sua própria história**. Rio de Janeiro: Malê, 2019.

XAVIER, Giovana. **História Social da Beleza Negra**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2021.

REFERÊNCIAS FÍLMICAS

A INVENÇÃO DE NATAL. Direção: David E. Talbert. Estados Unidos, 2020. Companhia Produtora: Netflix. DVD 2h02min, aventura-fantasia-musical, animação, colorido, som. Formato: Filme.

BIA DESENHA. Direção e Criação: Neco Tabosa e Kalor Pacheco. Brasil, 2019. Produção: Nara Aragão. DVD (7 minutos por episódio), animação, colorido, som. Formato: Série Infantil.

HAIR LOVE. Direção. Direção: Matthew A. Cherry, Bruce Wsmith. Estados Unidos, 2019. Companhia Produtora: Sony Picture Releasing. DVD (6 minutos), animação, colorido som. Formato: Filme

HORA DO BLEC. Direção: David Junior e Yazmin Garcez. Brasil, 2020. Produção Coletiva Ubuntu Filmes. DVD (3 minutos por episódio), animação, colorido, som. Formato: Série Infantil Musical.

MIN E AS MÃOZINHAS. Direção: Paulo Henrique dos Santos. Brasil, 2020. Produção Partilhada: Tv Brasil. DVD (8 minutos por episódio), animação, colorido, som. Formato: Série Infantil Musical.

MOTOWN MAGIC. Direção: Josh Wakely, Austrália, 2018. Companhia Produtora: Netflix & 7TWO. DVD (15 minutos por episódio), animação, colorido, som. Formato: Série Infantil Musical.

O MUNDO DE KARMA. Direção: Boronagh O'Hanlon; Pete McVoy. Criador: Ludacris. Canadá, 2021. Companhia Produtora: Karma's World Entertainment & Netflix. DVD (13 minutos por episódio), animação, colorido, som. Formato: Série Infantil.

TARJA BRANCA: Direção: Cacau Rhoden. São Paulo, 2014. Produção: Estrela Renner, Juliana Borges. DVD (80 min), documentário, animação, colorido, som. Formato: Documentário.

WISH: O poder dos desejos. Direção: Fawn Veerasunthorn, Chris Buck. Estados Unidos, 2024. Companhia Produtora: Walt Disney Pictures; Walt Disney Animation Studios. DVD 1h35min, fantasia-musical, animação, colorido, som. Formato: Filme.

FICHA DE AVALIAÇÃO DO TCC – EEFD/UFRJ
 Aluna : Vania Moura Bizoni Nº de registro: 109090396

CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO	Professor Orientador	Professor Convidado	Professor Convidado
1. Impressão geral: (1,5 pontos) O trabalho contribui para a área, apresenta uma forma produtiva de conhecimento?			
Nota-se, no trabalho, a capacidade/elaboração crítica dos alunos?			
Os alunos se envolveram no processo de elaboração do trabalho? Demonstraram organização e independência intelectual?		xxxxxx	xxxxxx
O trabalho está bem encadeado?			
NOTA 1 =	1,5	1,5	1,5
2. Formatação, organização, redação: (1,5 pontos) Os critérios básicos de formatação foram seguidos?			
A redação é clara e organizada, inclusive as citações?			
As referências são adequadas e atuais?			
NOTA 2 =	1,5	1,5	1,5
3. Conteúdo: (7 pontos) A Introdução apresenta claramente os elementos básicos?			
A Fundamentação Teórica é coerente, consistente e atual?			
A Metodologia é apropriada? Está bem explicitada e organizada?			
A apresentação e discussão dos dados é realizada de forma organizada e articulada com a teoria? (no caso de pesquisa teórico-empírica)			
A Conclusão é coerente com os objetivos?			
NOTA 3 =	7,0	7,0	7,0
Soma das notas (1 + 2 + 3) =	10,0	10,0	10,0
MÉDIA FINAL = (Nota Orientador X 2 + Nota Convidado + Nota Convidado / 4)	10,0		
Assinatura Prof. Orientador:			
Assinatura Profa. Convidada:			
Assinatura Prof. Convidado:	Data: 26/03/2024		